

Discurso, normatividade e paráfrase: análise de um debate público sobre gênero e sexualidade no campo psicanalítico

Discourse, normativity and paraphrase: analysis of a public debate on gender and sexuality in the psychoanalytic field

Letícia Soares Zampiêr¹
Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação
le_zampier@hotmail.com

Wedencley Alves²
Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação
wedencley@gmail.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo pensar o debate público e midiático sobre gênero e sexualidade na Psicanálise, a partir do mapeamento de quais formações discursivas se materializam nessa discussão. Para isso recorreremos aos dispositivos teóricos da Análise de Discurso (percurso Pêcheux-Orlandi) em diálogo com estudos decoloniais e queer. O estudo toma como ponto de partida, que também serve como marco temporal, a intervenção de Paul Preciado, na Escola da Causa Freudiana, e os debates e embates que se seguiram. Foi possível perceber que a intervenção do filósofo espanhol desencadeou uma cena discursiva que denuncia o modo como o campo psicanalítico vem se mostrando na questão específica das discussões de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Discurso; Psicanálise; Gênero; Sexualidade.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the public and media debate on gender and sexuality in psychoanalysis, by mapping which discursive formations materialize in this discussion. To do this, we resort to the theoretical devices of Discourse Analysis (Pêcheux-Orlandi route) in dialogue with decolonial and queer studies. The study takes as its starting point, which also serves as a time frame, Paul Preciado's intervention at the School of the Freudian Cause, and the debates and clashes that followed. It was possible to notice that the Spanish philosopher's intervention triggered a discursive scene that denounces the way in which the psychoanalytic field has been showing itself on the specific issue of discussions of gender and sexuality.

Keywords: Discourse; Psychoanalysis; Gender; Sexuality.

¹ Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista CAPES.

² Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.

Introdução

Uma das referências mais importantes dos estudos da decolonialidade, Gayatri Chakravorty Spivak, formulou há algumas décadas uma pergunta que, ainda hoje, vem sendo basal para o pensamento crítico sobre a produção de saberes: “Pode o subalterno falar?” (2010). A questão posta pela autora tanto anima as discussões críticas sobre hegemonia ocidental sobre a produção de conhecimento, vendo nisto um capítulo do imperialismo epistêmico, quanto anima rediscussões no interior dos próprios campos de saberes, com seus processos discursivos de silenciamento de sujeitos, com pontos de vista pouco críticos sobre a distribuição política do reconhecimento das vozes a serem ouvidas. É nesse segundo horizonte de reflexões críticas que nos posicionamos para pensar se e como o campo psicanalítico também pode ter sido constituído pela autorização e desautorização de “sujeitos do conhecimento”.

O estudo ganha relevância se partirmos do fato de que a Psicanálise sustenta-se, no imaginário social, como um saber subversivo, contranormativo, e até de certa forma crítico epistemicamente. E o maior efeito discursivo desse imaginário tem sido a interdição de um olhar crítico sobre como tanto a teoria quanto a prática clínica se assentam sobre um caráter conservador e normativo de muitas passagens clássicas (Ambra, 2016). No processo de estabelecimento da Psicanálise enquanto campo, os psicanalistas tinham como objetivo fazer com que a Psicanálise fosse aceita e respeitada, de forma que trabalharam para que ela fosse palatável para a sociedade burguesa. Isso marcou uma cumplicidade com o discurso dominante que se estende até hoje (Pombo, 2018).

Aqui, tem-se por Psicanálise o conjunto de discursos que, apesar de extremamente diferentes e, em certos casos, até discordantes, partilham de uma base epistemológica e histórica em comum, que remonta não só à teorização freudiana, mas aos discursos que circulavam na época de sua criação, e os que surgiram desde então.

Levando em consideração o apontamento de Luce Irigaray de que a questão da nossa época é a da diferença sexual (Cunha, 2021), é preciso pensar que essa diferença não é universal, muito menos a-histórica. Há um sistema histórico de representações, instituições, convenções, práticas e acordos culturais, portanto, discursos, que permitem uma sociedade decidir o que é verdadeiro ou falso, visível ou invisível, que estabelecem o que existe e não existe, instaurando uma hierarquia entre os seres. Isso determina formas específicas de vivenciar a realidade, através da linguagem e das instituições que regulam a sociedade (Preciado, 2022).

A Psicanálise surgiu justamente quando as noções centrais da epistemologia das diferenças sexuais e raciais, que rege nossa sociedade, estavam sendo cristalizadas (Preciado,

2022). Soma-se a isso o fato de que a diferença sexual é central em boa parte da teoria psicanalítica. Isso levanta uma questão importante: quando a Psicanálise fala sobre gênero e sexualidade, quem fala, a quem está dirigido esse discurso e que ontologia ele revela? (Ayouch, 2015) Tal pergunta é de especial importância tendo em vista como a Psicanálise se insere na cultura e na sociedade desde a época de Freud, e como tem tomado parte no processo massivo de mediação da sociedade que vem ocorrendo nas últimas décadas (Sodré, 2002) com repercussões inéditas na esfera pública.

A mediação, como processo histórico e social de capilarização das ambiências midiáticas e sua extensão à toda vida cotidiana, tem como um dos efeitos discursivos mais notáveis a reelaboração de agendas públicas, a vocalização de novos atores sociais – e sujeitos do discurso – e a constituição de outros arquivos. A forte e produtiva discussão sobre gênero e sexualidade, hoje tão presente nas redes e meios tradicionais, não pode ser dissociada dessa relação entre processos de mediação e a emergência de novos atores e a reelaboração da agenda pública (conhecida no campo da Comunicação como “agenda setting”). Temos cada vez mais a presença dessa discussão nas mídias como um todo. Frente a isso, a Psicanálise, bem como outros campos de saber, tem sido cada vez mais convocada a dizer algo no campo público (Martins; Poli, 2018). E muitos psicanalistas têm respondido a essa convocação de maneiras bastante diversas.

Nesse sentido, escolhemos tomar um dos casos que mais repercutiu no campo psicanalítico nos últimos anos, a intervenção de Paul B. Preciado, na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana, em Paris, em 17 de novembro de 2019. Isso porque a conferência propagou-se rapidamente pelas plataformas de mídia social e sua recepção levantou debates e embates que estão em curso ainda hoje (Cavalheiro; Pombo; Triska, 2022).

Assim, o presente trabalho tem como objetivo pensar a relação de paráfrase da Psicanálise com o discurso dominante³, especialmente no que diz respeito ao gênero e à sexualidade, levantando os principais pontos de tensão sobre o assunto no campo psicanalítico e questionando o que os discursos dos psicanalistas, nessa seara, podem revelar e quais os efeitos materiais disso.

³ Na Análise de Discurso, a paráfrase é um processo discursivo que tende à mesmidade, e a polissemia à diferença, à metaforização (Orlandi, 2020).

Enfim, pode o subalterno falar?

Gayatri Spivak, em seu texto “Pode o subalterno falar?” (2010), questiona os discursos dominantes no que diz respeito à forma como o saber é produzido e consumido. Seu principal ponto é de como o sujeito subalterno acaba se tornando o objeto de estudo do sujeito hegemônico que toma o lugar de o “re-presentar”, de “falar por” ele.

Ela usa como exemplo da relação entre Sujeito e Outro o ritual hindu, durante o qual a viúva sobe à pira funerária do marido e imola-se sobre ele. Tal ritual foi proibido pelos britânicos, sendo um caso de “homens brancos salvando mulheres de pele escura de homens de pele escura”, tendo como resposta dos indianos nativos que “as mulheres querem morrer”. No entanto, em nenhum lugar se encontra a voz das mulheres (p. 94).

Nesse sentido, para a autora, “subalterno” é aquele cuja voz não pode ser ouvida, descrevendo uma camada da população que, de modos específicos, é excluída dos mercados, das representações políticas e legais e da possibilidade de se tornar membro da classe dominante.

Kilomba (2019) retoma a pergunta de Spivak, para responder: “não”. Como uma ilustração, ela retoma, em outro texto do mesmo livro, a imagem da máscara de ferro que os senhores brancos obrigavam os escravizados a usarem ao redor da boca. Com o objetivo expresso de impedir que os negros escravizados comessem a cana-de-açúcar e o cacau nas plantações, a máscara tinha um efeito ainda mais violento: era uma máscara de não fala, simbolizando o silenciamento dos escravizados no contexto da dominação colonial branca. Jota Mombaça (2015) faz uma leitura precisa dessa imagem em seu artigo “Pode um cu mestiço falar”: “[...] o silenciamento dos sujeitos negros permite que a fala colonial branca se consolide como verdade sem a interferência de discursos contrários. A inviabilidade de manifestação da fala negra é a condição por meio da qual o sujeito branco se reproduz” (Mombaça, 2015, s/p.).

Kilomba conta que, no primeiro dia de seu seminário, costuma fazer perguntas para mostrar como o conhecimento e o poder racial se entrelaçam, como, “O que foi a Conferência de Berlim em 1884-85? Quais países africanos foram colonizados pela Alemanha? Quantos anos durou a colonização alemã no continente africano?”. São perguntas históricas e culturais que só os estudantes pretos sabem a resposta. Assim, aqueles que não eram vistos tornam-se visíveis e os que estavam sempre no centro tornam-se invisíveis. A partir dessa dinâmica ela levanta questões de extrema importância:

Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? (Kilomba, 2019, p. 35)

Isso demonstra como o centro de produção do conhecimento, como discurso dominante, não é um local neutro, por mais que se defina como tal. Esse é um espaço em que, para além de serem silenciadas, as minorias são descritas, classificadas, desumanizadas, primitivizadas, brutalizadas e mortas. Não é que não-homens, não-brancos, não-hetero, não-cis, de países colonizados e de lugares periféricos não tenham falado e produzido conhecimento. É que esse conhecimento tem sido sistematicamente desqualificado e silenciado, principalmente com o argumento de não ser “muito científico”. Assim, quando se fala de um “discurso neutro e objetivo”, esquece-se de que o centro também escreve de um lugar específico, que não é neutro nem objetivo, só dominante (Kilomba, 2019), afinal, do ponto de vista discursivo, todo sentido é constituído num campo de relações assimétricas de forças ou, como afirma Orlandi (2020), “o fato mesmo de não haver sentido sem interpretação já atesta a presença da ideologia” e é a ideologia que lhe confere efeito de evidência.

O discurso psicanalítico e o efeito de paráfrase

Tomada como um discurso, ou um campo de discursos, não haveria como ser diferente com a Psicanálise: cabe ao analista de discurso compreender como, em seus processos discursivos, também essa disciplina produz efeitos de paráfrases, reafirmações de sentido, silenciamentos e evidências. Olhando-a discursivamente, não haveria como a Psicanálise se constituir fora de relações de poder, numa espécie de vácuo político. Mas esta constituição é complexa e dinâmica, por isso também cabe ao analista do discurso perceber se há deslocamentos, polissemias, metaforizações de sentido no campo analisado.

Desde seu princípio, a Psicanálise tenta se posicionar como um saber subversivo, inserindo-se na cultura com um discurso de que ela está contra a norma. O maior exemplo disso é a descrição da teoria freudiana como a terceira revolução copernicana (Ambra, 2016). Não se pode negar o efeito disruptivo das teorias freudianas, principalmente sua proposta de separação entre pulsão e instinto. Também é importante marcar como Lacan, com a matemática, a lógica e a topologia, retirou, em teoria, qualquer possibilidade de essencialismo na Psicanálise (Stona;

Ferrari, 2020). Contudo, afirmar que a Psicanálise como um todo seria inerentemente subversiva impede que muitos psicanalistas critiquem o caráter conservador e normativo de muitas passagens clássicas da teoria, uma vez que colocam toda e qualquer crítica como uma suposta desvalorização do saber psicanalítico (Ambra, 2016). Isso levanta a questão sobre quem produz a teoria e quais leituras são feitas dela.

Desde a época de Freud, muito se discute sobre como alguém se torna analista. Já nessa época, fica estabelecido, em termos de formação, a obrigatoriedade do tripé “análise pessoal, estudo teórico e clínica supervisionada”, ao que Lacan acrescenta os dispositivos do cartel e do passe. Vemos, assim, que a formação analítica é bastante institucionalizada, o que advém da vontade de Freud de firmar a Psicanálise como ciência, e das disputas de poder em torno disso (Stona; Ferrari, 2020).

Essa institucionalização não é sem consequências. Hoje encontramos um cenário em que boa parte das produções teóricas dentro da Psicanálise circulam somente dentro da “linha de filiação” da instituição da qual o autor faz parte, instalando uma direção unívoca de leitura, com pouca abertura para o diálogo com outros saberes (Martins; Poli, 2017). Isso faz com que haja pouco espaço dentro dos grupos para outras formas de leitura da teoria, resultando em uma transmissão dogmática dos conceitos, onde alguns mestres ocupam o lugar de dizer qual é a “leitura correta” (Stona; Ferrari, 2020).

Em paralelo, existem critérios bastante questionáveis para poder adentrar essas intuições, não é qualquer um que tem seu acesso permitido. Em muitas delas, há a obrigatoriedade de fazer análise e supervisão com um analista da escola, com um número de sessões semanais determinadas previamente. Além da necessidade de ter recursos financeiros para bancar essa obrigatoriedade, ainda é preciso pagar valores altos para se ter acesso à formação teórica. Assim, de partida, temos uma barreira econômica e social (Stona; Ferrari, 2020). Outras ainda exigem um longo processo, com múltiplas entrevistas, embora os critérios e exigências para ser aceito não sejam explicitados. Levanta-se, então, a questão de quem pode se tornar analista e o que isso implica. Ou numa formulação analítico-discursiva: quais sujeitos de fato podem acessar o lugar de sujeito do discurso da Psicanálise?

Gênero e sexualidade: o ponto da questão

Luce Irigaray advertiu, ainda na década de 1980, que cada época tem uma questão a ser pensada, e que, na nossa, a questão é a da diferença sexual. Tal discussão começou, no fim do

século XIX, a partir das experiências das mulheres, foi agitada pelas pessoas identificadas como homossexuais, nas últimas décadas do século XX, e, hoje, tem como referência as pessoas definidas como transexuais (Cunha, 2021).

E não é sem razão que esse é um tema tão central e controverso dentro da Psicanálise, uma vez que a tomada de posição na partilha dos sexos, a partir da trama edípica, é associada à constituição psíquica do sujeito. Tanto em Freud quanto em Lacan, a representação da diferença sexual se dá binariamente – ter ou não ter o falo, ter ou ser o falo, todo e o não-todo inscrito na função fálica –, com uma centralidade marcada no falo. Essas concepções reforçam uma leitura da diferença sexual em que o falo e a hierarquia entre os sexos são indispensáveis para a subjetivação, criando uma suposta universalidade a-histórica que faz com que, hoje, a Psicanálise tente fornecer normas ou referências incontestáveis do que seria a “verdade” do sexo (Pombo, 2018).

No entanto, a diferença sexual não é universal, muito menos a-histórica. O regime da diferença sexual é uma epistemologia política do corpo, uma máquina performativa que produz e legitima a ordem política e econômica do patriarcado heterocolonial. Ela se estabelece enquanto um sistema sócio-histórico e cultural que determina o que está dentro ou fora, o que existe ou não, a partir de uma norma social estabelecida pelo discurso dominante, instaurando uma hierarquia entre os seres. São esses conjuntos de representações, instituições, convenções e práticas que determinam a forma específica como os sujeitos vão vivenciar a realidade (Preciado, 2022).

A Psicanálise freudiana foi inventada justamente no momento de cristalização das noções centrais da epistemologia das diferenças sexuais e raciais, que separaram “raças evoluídas” e “raças primitivas”, homem e mulher a partir da anatomia e a heterossexualidade e a homossexualidade como normal e patológica, respectivamente. A Psicanálise construiu-se, então, a partir da escuta do inconsciente patriarco-colonial (Preciado, 2022). Quais efeitos tem, para a teoria e para a prática, a Psicanálise ter surgido nessa matriz de inteligibilidade?

Os discursos públicos sobre gênero e sexualidade na Psicanálise

Tendo em vista o momento histórico e o contexto social em que a Psicanálise surge, e as condições de possibilidade para que ela tenha se sustentado como saber nas décadas seguintes, precisamos olhar para os processos discursivos na Psicanálise, compreendendo que também esse campo disciplinar, como em qualquer outro, é marcado pela heterogeneidade das

formações discursivas e das relações ideológicas (Orlandi, 2020). Assim, quando a Psicanálise fala sobre as dissidências sexuais e de gênero, quem fala, a quem está dirigido esse discurso e que ontologia ele revela? (Ayouch, 2015)

A Psicanálise, desde sua invenção, dialoga com outros saberes e se coloca na cultura e na sociedade, e isso se dá principalmente pela via da mídia. No entanto, isso não ocorre sem efeitos no processo de subjetivação e nas formas de estabelecimento dos laços sociais, como traz precisamente Borges (2019): “[...] a grande divulgação das teorias psicológicas deu um poder especial aos especialistas que passaram a ocupar um lugar de destaque em nossa sociedade determinando novas formas de sociabilidade, especialmente na família e em relação à condução moral das pessoas” (Borges, 2019, p. 233).

Isso tem ainda mais efeitos hoje, com o fortalecimento do on-line e a presença massiva dos sujeitos nas plataformas de conteúdo e nas redes sociais, o que inclui os psicanalistas. Como propõe Sodré (2002), “[...] vivemos hoje uma nova forma de vida – o bios midiático ou virtual, radicado nos negócios – feita de informação, espelhamento e novos costumes” (s/p).

A mídia mantém com seu público um vínculo que é marcado pelas forças das instituições da sociedade (Sodré, 2002). Nesse sentido, o conceito de midiatização, aqui retomado pelas lentes da Análise de Discurso, é um conceito-chave para pensarmos a produção psicanalítica. Apesar de a presença midiática dos psicanalistas não ser recente (Borges, 2019), a pandemia teve como efeito o deslocamento forçado do setting analítico para os meios digitais. A partir disso, novas formulações sobre a teoria e a clínica surgiram, uma vez que o atendimento remoto era um certo tabu até então, bem como a pluralização dos espaços de circulação dos discursos psicanalíticos. Vimos, então, a presença aumentada de analistas em ambiências digitais, implicando mudanças nos modos de interlocução e heterogeneização ainda maior na produção de sentidos no campo.

Isso é de especial importância pois, quando o psicanalista ocupa o espaço público, principalmente a partir de ambiências midiáticas, ele põe seu corpo em cena, o que coloca em jogo quem produz esse saber, e todos os marcadores que o atravessam.

Da mesma forma, sendo a discussão sobre gênero e sexualidade a questão do nosso tempo, elas não escapam ao processo discursivo da midiatização. Estão mais presentes nas produções de filmes, livros e séries, bem como no âmbito jornalístico e nas redes sociais, casos “bem-sucedidos”, das pessoas que se estabilizaram em uma posição feminina ou masculina, no caso da transexualidade, bem como das pessoas homoafetivas que são “direitas” e constituíram família. Isso remete a um horror face àquilo que escapa à norma: até para ser dissidente é preciso

ser dissidente “direito”. E é para isso que a Psicanálise e os saberes biomédicos são convocados, no âmbito da cultura (Martins; Poli, 2018).

É essa confluência na ambiência midiática de uma exposição maior de psicanalistas e maior intensidade dos debates sobre gênero que parece ter levado os analistas a serem frequentemente convocados, no debate público, a se pronunciar sobre as dissidências de gênero. Esse processo, que não é novo, mas que transcorria em outros fóruns, intensificou-se especialmente a partir da questão dos direitos dos homossexuais à formação de famílias, que levou muitos psicanalistas a tomarem a palavra no debate público e reivindicar o dever de dizer a verdade “sobre como se constitui uma família” (Cunha, 2021).

Um dos casos mais referenciados é o da controvérsia que se instaurou na França, em 1999, em torno da votação da lei que possibilitaria casais homoafetivos de assinarem pacto de união civil (PaCS) e de adotarem filhos. Como diz Ayouch (2015), “O ‘esporte nacional’ de vários psicanalistas tem sido falar de assuntos sociais e dar a sua versão do certo e do errado” (p. 19), e nesse assunto não foi diferente. A maioria dos psicanalistas condenou essa proposta de lei e foi para os jornais falar sobre “a ‘catástrofe simbólica’ que produziria a legalização estatal da homossexualidade” (Ayouch; Charafeddine, 2013, p. 124)⁴.

Em contiguidade, temos a irrupção, na academia, na mídia e na política, da discussão sobre as identidades trans e a reivindicação pelo direito à existência plena e ao reconhecimento jurídico, ao mesmo tempo em que se recusavam as categorias diagnósticas e patologizantes. Novamente, os psicanalistas foram para o espaço público, para além de suas escolas e associações, falar dessas demandas, muitas vezes indo contra essas pessoas, afirmando um saber pretensamente soberano sobre o sexo e a subjetividade (Cunha, 2021).

Nesse ponto, há uma infinidade de referências possíveis de serem citadas, e que foram muito bem compiladas por Cavalheiro (2019), em sua dissertação intitulada “Caos, norma e possibilidades de subversão: Psicanálise nas encruzilhadas do gênero”. Cito, então, como ilustração, o exemplo trazido por Cunha (2021) do documentário “Pequena garota” que,

⁴ “Veja-se, por exemplo, [...] T. Anatrella, “ne pas brouiller les repères symboliques”, in *Le Figaro*, 16 juin, 1998; “A propos d’une folie”, *Le Monde*, 26 juin, 1999; *La différence interdite*, Paris, Flammarion, 1998 ou *Le règne de Narcisse. Les enjeux de la différence sexuelle*, Paris, Presse de la Renaissance, 2005; M. balmory, “Mariage pour tous: la parole en danger”, in *La Vie*, 1 février 2013; C. Flavigny, “le PaCs, l’enfant et Freud”, in *Libération*, 19 octobre, 1999; S. korff-Sausse, “PaCS et clones: la logique du même”, in *Libération*, 7 juillet, 1999; P. legendre, *Le Monde de l’éducation*, décembre, 1997; “nous assistons à une escalade de l’obscurantisme”, *Le Monde*, 23 octobre, 2001; S. lesourd, *Le Monde*, 14-15 mars, 1999 ; A. Magoudi, in *Le Monde*, 5 novembre, 1997; M. Schneider, “désir, sexe, pouvoir”, e “Malaise dans la sexualité? du nouvel ordre sexuel au nouvel ordre matriarcal”, in *Esprit*, mai, 2002, ou *Big Mother. Psychopathologie de la vie politique*, Paris, Odile Jacob, 2002; J.-P. Winter, “Gare aux enfants symboliquement modifiés”, *Le monde des débats*, mars, 2000” (Ayouch; Charafeddine, 2013, p. 123).

segundo ele, encantou a França. O filme conta a história de Sasha, uma criança que se identifica como trans e que luta para frequentar a escola sem ser discriminada pelos professores e outras crianças. Muitos, então, se aproveitaram desse encanto para advertir contra “[...] a ‘propaganda transexual’ e a insensatez do mundo contemporâneo, seduzido pelo imperativo do gozo e pela ilusão de que podemos viver em uma sociedade sem hierarquias e sem divisão clara entre homens e mulheres.” (Cunha, 2021, p. 24).

No entanto, se por um lado encontramos grupos que insistem em uma defesa radical das formulações psicanalíticas acerca do regime da diferença sexual e os efeitos discursivos que ela promove, encontramos também um grupo disposto a repensar a teoria, principalmente a partir de Lacan, e um grupo que procura realizar uma crítica à postura hegemônica da Psicanálise, tomando os estudos de gênero como analisadores do pensamento analítico (Cunha, 2021).

Para pensar os debates no campo como processo discursivo e seus efeitos na sociedade e na cultura, tomo emprestadas algumas questões de Cunha (2021): “o que determinaria os efeitos de poder ou de resistência vinculados à nossa prática? [...] de que a Psicanálise deve escapar para que não precisemos escapar da Psicanálise?” (p. 58).

A cena de Preciado

Este estudo se detém sobre um caso emblemático ocorrido no campo psicanalítico, com grande repercussão na área e na esfera pública: a intervenção de Paul B. Preciado, na 49ª Jornada da Escola da Causa Freudiana, em Paris, em 17 de novembro de 2019. Tal jornada tinha como tema “Mulheres na Psicanálise”, o que é significativo para contextualizar a fala do filósofo espanhol. A conferência teve um tom crítico e provocativo, mesmo seu texto completo tendo sido cortado, por conta do limite de tempo, e propagou-se rapidamente pelas plataformas de mídia social, sendo amplamente divulgada e traduzida para vários idiomas (Cavalheiro; Pombo; Triska, 2022).

O vídeo da conferência está disponível na íntegra no YouTube, pelo Canal Insomnies, bem como as opções legendadas em português, pelo canal CLINICAND, e em espanhol, pelo Canal Jess G. O texto da conferência foi publicado no Brasil no dia 8 de dezembro de 2019 com o título “Um apartamento em Urano” (2019), pela Revista Lacuna. Em junho de 2020, o texto completo foi publicado em forma de livro com o título *Je suis un monstre qui vous parle: Rapport pour une académie de psychanalystes*, tendo sido traduzido posteriormente em português (2022), espanhol, inglês, italiano, grego e russo.

A conferência começa, de partida, com uma provocação. Ao cumprimentar a plateia, Paul se dirige a “Senhoras e senhores da Escola da Causa Freudiana”, acrescentando, em seguida, que não sabia se valia a pena se dirigir também àqueles que não são nem senhoras nem senhores, uma vez que dificilmente, naquela plateia haveria alguém que “tenha renunciado legal e publicamente à diferença sexual e que tenha sido aceito como psicanalista efetivo depois de ter conseguido fazer o passe e ser aprovado” ou seja “um psicanalista trans ou não binário que tenha sido admitido entre vocês” (Preciado, 2019, s/p).

Em seguida, ele se refere a um texto de Kafka no qual o personagem principal é o macaco Pedro Vermelho. Este, capturado em uma expedição de caça, aprende a linguagem dos humanos e entra na sociedade europeia para evitar morrer trancado em uma jaula. Assim, ele passa da jaula física para a jaula da subjetividade humana, e, a partir dela, se dirige à academia científica.

Preciado diz, então, que, “como Pedro Vermelho”, dirigia-se aos acadêmicos de Psicanálise “a partir da jaula de homem trans”. Isto é, a partir desse lugar, produzido pelo discurso médico e jurídico, que marca seu corpo com o significante “transsexual”. Isso, dentro da Psicanálise, evoca um cenário discursivo, uma vez que os diagnósticos psicanalíticos em torno do fenômeno transsexual são carregados de estigmas sociais, escondidos por atrás de uma suposta neutralidade teórica. Em grande parte do discurso psicanalítico, a transexualidade transita entre algo para além da neurose, e até inscrita na psicose, sendo considerada uma incapacidade de “resolver” o complexo de Édipo corretamente. Preciado faz questão de marcar que é desse lugar que ele fala (Preciado, 2019).

Nesse sentido, a intervenção de Preciado adquire status de acontecimento discursivo (Pêcheux, 1997), de efeito de ruptura ou de impacto na área, porque há na trama da memória do campo psicanalítico, dizeres autorizados e silenciados, dominância e subalternidade de sentidos; há sujeitos do discurso e sujeitos-objetos do discurso. Da mesma forma, a intervenção de Preciado só adquire este mesmo status porque se dá num momento em que as formações discursivas fortemente normativas do campo se defrontam, numa relação sintagmática, com discursos críticos que ganham força na atualidade, e com o fato desses embates, essa cena discursiva (Alves; Pimenta; Antunes, 2021) se dar em meio à forte presença dos atores e sujeitos nas ambiências midiáticas. Ou ainda como afirma Alves (2021):

O que vimos propondo há algum tempo é que no caso dos processos discursivos do sistema midiático (meios impressos, eletrônicos, veículos de redes, mídia digital para comunicação interpessoal, etc.), dada sua porosidade e capilaridade, vai se dando algo como uma reconfiguração endógena dos cenários discursivos, com efeitos de

catalização, redução e mesmo silenciamento de processos discursivos sociais (Alves, 2021, s/p).

Em outras palavras, o alcance e a capilaridade daqueles discursos que circulam presentemente no sistema midiático produzem deslocamentos e rupturas no interior de (outros) campos institucionalizados, catalisando, reduzindo ou mesmo silenciando certos discursos. O efeito da intervenção de Preciado foi acentuado nas ambiências midiáticas, gerando adesões e incômodos, tentativas de reafirmação e rupturas, operando deslocamentos de sentidos e sujeitos, portanto, não somente metaforizando sentidos, mas também identificações.

Mas voltemos à fala de Preciado propriamente dita. Seu primeiro ponto de crítica é o tema do evento, “Mulheres na Psicanálise”:

Vocês organizam um encontro para falar das “mulheres na psicanálise” em 2019 como se nós ainda estivéssemos em 1917 [*burburinho*], e como se esse tipo particular de animal — que vocês chamam, de forma condescendente e naturalizada, de “mulher” — ainda não tivesse um reconhecimento pleno enquanto sujeito político (Preciado, 2019, s/p).

Em seguida, ele aponta que talvez devesse haver um evento sobre homens brancos heterossexuais e burgueses na Psicanálise, tendo em vista que a maior parte dos discursos psicanalíticos giram em torno da crença de que esse é o “humano universal”.

A partir disso ele se propõe a apresentar três ideias-chave. A primeira é a de que a diferença sexual, base para a teoria psicanalítica, “não é nem uma natureza, nem uma ordem simbólica, mas uma epistemologia política do corpo; e que, como tal, ele é histórico e é mutável” (Preciado, 2019, s/p). A segunda, é que a epistemologia binária está em crise desde a década de 1940, tanto por conta dos movimentos políticos do século XX, quanto pelo surgimento de novos dados morfológicos, cromossômicos e bioquímicos, que botam por terra a atribuição sexual binária. A terceira é que a epistemologia da diferença sexual está em processo de mutação e dará lugar a uma nova epistemologia, provavelmente nos próximos 10 ou 20 anos. Frente a isso, os psicanalistas terão de decidir “o que vão fazer, onde vão se colocar, em que jaula querem estar confinados, como vão jogar suas cartas discursivas e clínicas num processo tão importante como esse” (Preciado, 2019, s/p).

A partir daí, Preciado começa uma exploração da ideia da diferença sexual como uma epistemologia, traçando uma breve história de como a divisão homem e mulher se configurou de tal forma. Em seguida, aponta para os possíveis efeitos disso na construção da teoria

psicanalítica, marcando “a cumplicidade da Psicanálise com a epistemologia da diferença sexual heteronormativa” (Preciado, 2019, s/p).

Ele faz, então, um convite a uma “terapia política da instituição”, um processo de questionamento das bases do “edifício freudiano”. Para tal, ele faz um tensionamento importante:

Não venham me dizer que a instituição psicanalítica não considerou, e não considera ainda hoje, a homossexualidade como um desvio em relação à norma. Caso contrário, como explicar o fato de que até bem pouco tempo atrás não havia psicanalistas podendo se identificar publicamente como homossexuais? Pergunto a vocês: quantos de vocês se definem hoje — bem aqui, nesta Escola da Causa Freudiana —, publicamente, como psicanalista homossexual? [*silêncio geral seguido de risos; silêncio seguido de aplausos*] (Preciado, 2019, s/p).

Nesse ponto, podemos nos remeter aos trabalhos de Thamy Ayouch e Lucas Charafeddine Bulamah (Ayouch; Bulamah, 2013; Ayouch, 2015; Bulamah, 2020) sobre a homossexualidade dos analistas e a “regra não escrita” que impediu, por 80 anos, que homossexuais entrassem nos institutos de Psicanálise filiados à IPA⁵ (mas não só).

Retornando à conferência de Preciado, ele aponta que é preciso que os psicanalistas reconheçam suas posições de enunciação política, num regime heretopatriarcal e colonial, pois isso tem um efeito.

A partir disso, ele faz um trajeto nas mudanças nessa epistemologia hegemônica, apontando as várias rupturas que aconteceram nas últimas décadas, convocando novamente os psicanalistas a tomarem uma decisão entre

[...] permanecer do lado desse discurso patriarcal e colonial — e reafirmar a universalidade da diferença sexual e da reprodução sexual heterossexual —; ou entrar, conosco, os mutantes deste mundo, num processo crítico de invenção de novas epistemologias que permitem a redistribuição da soberania, o reconhecimento de outras formas de subjetividade política. [*aplausos*] (Preciado, 2019, s/p).

E a isso acrescenta, para finalizar, que a tarefa que resta é um processo de despatriarcalização, deseterossexualização e descolonização da Psicanálise.

Assim, a conferência de Preciado, além de trazer críticas duras em termos epistemológicos e teóricos, ainda funcionou como uma convocação à ação, ao que, aparentemente, muitos psicanalistas resolveram responder. Isso porque sua intervenção não foi

⁵ International Psychoanalytical Association.

sem consequências. Nos meses e anos que se seguiram, dezenas de psicanalistas responderam, e seguem respondendo e debatendo, em torno da fala do filósofo.

Essas respostas circularam atrás de diferentes formas de mídia. Com uma breve pesquisa nos mecanismos de busca acadêmicos Google Scholar e Periódicos da Capes, bem como no mecanismo do Google, em português, francês e espanhol, com as palavras “conferências” + “Preciado”, de 2019 a 2023, levantaram-se 15 trabalhos em resposta à intervenção de Preciado, variando entre artigos publicados em revistas acadêmicas, em jornais, em sites institucionais, blogs pessoais e um livro⁶. Além disso, foram identificadas sete respostas às respostas publicadas, em sua maioria, em revistas acadêmicas⁷. Pode-se ainda explorar outras bases para assegurar que o maior número de respostas seja encontrado, mas, numa investigação discursiva, valem os mesmos princípios de saturação de demais abordagens qualitativas, em que, a partir de um certo ponto, novos materiais não trarão novas informações.

Podemos pensar, então, que a cena que se construiu em torno da fala de Preciado, e a grande repercussão que ela gerou no discurso público, evocou uma série de discursos diferentes, inscritos na história e atravessados por relações de poder que precisam ser pensadas, pois produzem efeitos. Assim, quais discursos circulam nos embates dos psicanalistas após a conferência de Preciado? O que eles revelam e quais os efeitos disso?

No processo discursivo, não há sentidos naturais. Há muitas maneiras diferentes de significar. Isso porque é preciso levar em consideração os processos e as condições históricas de produção, ou seja, a relação entre os sujeitos em suas práticas discursivas e os modos de constituição de discursos a que se filiam. Isso leva a um postulado de base da AD: o sujeito não é a origem do dizer, embora, por processos de interpelação-identificação, tome o discurso como “seu”. O que dizemos só pode ser dito porque há memória – interdiscurso –, um já-dito, que possibilita todo o dizer (Orlandi, 2007, p. 64).

A significação envolve gestos de interpretação dos interlocutores envolvidos no processo discursivo. Independentemente se da posição de autoria ou de leitor, há sempre gestos de interpretação, há produção de sentido, por parte de locutores já posicionados como sujeitos discursivamente⁸. Cabe ao analista compreender a constituição do discurso, nesse caso, a

⁶ Cf. Maurano, 2019; Rivera, 2019; Maleval, 2019; Maurano et al., 2020; Leduc, 2019; Eidelsztein, 2019; Zabalza, 2019; Vários, 2019; Roudinesco, 2020; Baitinger, 2020; Parente; Silveira, 2020; Habib, 2020; Girard, 2020; Miller, 2021, 2021a; Bassols, 2021; Silva, 2022.

⁷ Cf. Cunha; Ambra, 2021; Reitter, 2021; Beer; Ambra, 2021/2, Cavalheiro; Pombo; Triska, 2022; Lima, 2022; Almeida; Pizzimenti; Estêvão, 2022; Georges-Lambrichs, 2020.

⁸ Por isso mesmo a Análise de Discurso não trabalha com noções clássicas no campo da Comunicação e da Informação, como “emissor”, “receptor”, “mensagem” e “referente”, mas com “sujeitos”, “discursos” e “objetos de discurso” (Pêcheux, 1969/1997).

constituição dos discursos da Psicanálise sobre gênero e sexualidade, identificando paráfrases e polissemias, disputas de sentido. Isso aponta para disputas ideológicas no interior do campo, porque, para que haja sentido, é preciso que a linguagem seja já inscrita na história, isso porque “o sentido é uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua(gem)⁹ – com a história” (Orlandi, 1996, p. 46).

Se, por um lado, é preciso pensar sobre os modos de constituição do discurso, por outro, é também necessário considerar seus modos de formulação e circulação. E o que vemos é que o discurso psicanalítico, confrontado com uma forte demanda pela midiaticização – portanto, por transcender os espaços restritos instucionalmente – acaba por perder em parte sua sacralidade, acaba por se submeter ao crivo de outros autores, de outros sujeitos de discurso. Circula por não circular. Submete-se a formulações e textualizações que não eram previstos e canonizados. O acontecimento “intervenção de Preciado” é um bom exemplo desse processo, a repercussão de sua fala é ainda mais emblemática deste outro cenário.

Considerações finais

No campo psicanalítico, por mais que se defenda uma suposta subversão inerente, é nítido o caráter conservador de muitas passagens clássicas e do uso que os psicanalistas fazem delas. E o fato de a intervenção de Preciado ter se tornado um acontecimento discursivo é uma prova de que memórias e cenários do interior do campo estão hegemonizados por discursos conservadores. Tanto que boa parte das reações foram de reprovação.

Mas é preciso considerar que nenhum campo é homogêneo, cabendo disputas de sentido. Por isso, uma análise detida, ainda em curso, vem buscando identificar na heterogeneidade dessas disputas, dessas cenas que se constroem, um mapa das relações de força, dos gestos de interpretação dominantes e daqueles que, para usar a expressão de Spivak que nos inspirou, continuam sendo subalternizados.

Ou ainda, como apontou Cunha (2021), se por um lado encontramos a insistência em uma defesa radical da normatividade, por outro encontramos grupos que procuram tomar a teoria e a prática psicanalítica de maneira crítica e que também se colocam no discurso público para pensar uma contra norma. Nesse sentido, podemos tomar a conferência de Preciado, e a

⁹ O parêntese é nosso. A autora trabalha a partir da referência linguística estrita: língua. Nós trabalhamos sobre a linguagem em geral, na medida em que nossa pesquisa leva em consideração que há um corpo a ser considerado. Mais sobre a questão da corporeidade enquanto discurso, ver Alves (2020).

reverberação posterior no campo psicanalítico, como uma cena discursiva, na qual é possível observar os embates entre os atores sociais posicionados em formações discursivas concorrentes.

Isso é de extrema importância, tendo em vista o lugar que os psicanalistas ocupam no discurso público, sendo convocados, cada vez com mais frequência, a responder às questões contemporâneas. Assim, o fato de o “esporte” dos psicanalistas ter sido falar de assuntos sociais no discurso público (Ayouch, 2015) não é sem consequências.

Todas as respostas citadas são acessíveis pelos meios digitais, apesar de terem sido publicadas em diferentes mídias. É preciso considerar essas diferentes ambiências e quais efeitos elas produzem. Especialmente quando os textos que dialogam, ou entram em embate, são publicados nesses diferentes lugares.

Partindo, então, do apontamento de Preciado (2020) sobre Guy Hocquenghem ser o primeiro intelectual francês a sustentar publicamente a identidade de “marica” – numa oposição a seu contemporâneo Michel Foucault, que jamais se colocou como protagonista no cenário político das dissidências –, qual o efeito dos psicanalistas dissidentes de gênero e sexualidade ocuparem o lugar de sujeito do discurso psicanalítico? Essa é a pergunta-chave que deixamos como guia para futuros trabalhos, e que, atentos ao acontecimento da midiaticização, poderão trazer capítulos instigantes do campo e do discurso psicanalítico.

Referências

- ALMEIDA, Luiz Felipe; PIZZIMENTI, Enzo C.; ESTÊVÃO, Ivan Ramos. A psicanálise e os psicanalistas: (in) tensões com a crítica. **Stylus**: Revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 40, p. 105-114, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31683/stylus.vi40.517>
- ALVES, Wedencley. Análise de discurso: o desafio da corporeidade. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 24, p. 24-34, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2204>
- ALVES, Wedencley. **Cenários Discursivos**: análise configuracional; modos de olhar. Juiz de Fora: Mimeo, 2021.
- ALVES, Wedencley; PIMENTA, Denise Nacif; ANTUNES, Michele Nacif. Cenas discursivas da pandemia de Covid-19: o discurso sobre o isolamento social na imprensa. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 18-32, jan./mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2204>
- AMBRA, Pedro. A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 5, p. 101-120, maio-out. 2016. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17179>

AYOUCH, Thamy. **Psicanálise & homossexualidades**: teoria, clínica, biopolítica. Curitiba: Editora CRV, 2015. DOI: <https://doi.org/10.24824/978854440529.1>

AYOUCH, Thamy; BULAMAH, Lucas Charafeddine. A homossexualidade dos analistas: história, política e metapsicologia. **Percursos**, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, p. 115-126, dez. 2013.

BAITINGER, Frederic. Jouissance and Sexual Difference. **Lacanian Review Online**, 2020. Disponível em: <https://www.thelacanianreviews.com/jouissance-and-sexual-difference/>.

BASSOLS, Miquel. **La diferencia de los sexos no existe en el inconsciente**: sobre un informe de Paul B. Preciado dirigido a los psicoanalistas. [S.l.]: Grama Ediciones, 2021.

BEER, Paulo; AMBRA, Pedro. Perguntas que importam: o gênero e as fronteiras teóricas da psicanálise. **Recherches en psychanalyse**, n. 32, 2021/2. DOI: <https://doi.org/10.3917/rep2.032.0105>

BORGES, Dulcina Tereza Bonati. A sedução da Psicanálise nas páginas das Revistas Femininas Cláudiae Novade 1970-1990. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, n. 32, jan./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/CEF-v32n1-2019-10>

BULAMAH, Lucas Charafeddine. **História de uma regra não escrita**: a proscricção da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico. São Paulo: Zagodoní, 2020.

CAVALHEIRO, Rafael; POMBO, Mariana; TRISKA, Vitor Hugo. No Divã de Paul B. Preciado: Psicanálise e (Des)obediência Epistêmica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1393-1413, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71644>

CUNHA, Eduardo Leal. **O que aprender com as transidentidades**: psicanálise, gênero e política. Porto Alegre: Cultura Humana, 2021.

CUNHA, Eduardo Leal; AMBRA, Pedro. O trans imaginário de Miller (e de alguns outros). **Lacuna**, n. 11, 2021. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2021/08/26/n-11-07/>

EIDELSZTEIN, Alfredo. Diferentes posiciones psicoanalíticas frente al sexo, la sexualidad y el género: contribución a un posible debate con Paul B. Preciado y Jean-Claude Maleval. **Alfredo Eidelsztein**, 2019. Disponível em: <https://www.eidelszteinalfredo.com.ar/diferentes-posiciones-psicoanaliticas-frente-al-sexo-la-sexualidad-y-el-genero-3/>

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: diálogo com um leitor imparcial. In: **Obras completas volume 17** - Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos. [S.l.]: Companhia das letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras completas volume 6** - Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-172.

GEORGES-LAMBRICHS, Nathalie. Combien de solitudes.... **En attendant Nadeau**, 2020. Disponível em: <https://www.en-attendant-nadeau.fr/reponse-preciado/>

GIRARD, Mathilde. Ce que Paul B. Preciado fait à la psychanalyse. **AOC**, 2020. Disponível em: <https://aoc.media/opinion/2020/01/09/ce-que-paul-b-preciado-fait-a-la-psychanalyse/>

HABIB, Stéphane. Lettre à Paul B Preciado. **En attendant Nadeau**, 2020. Disponível em: <https://www.en-attendant-nadeau.fr/2020/07/15/lettre-preciado/>

KILOMBA, Grada. Quem pode falar? Falando do centro, descolonizando o conhecimento. In: **Memórias da Plantação**. [S.l.]: Editora de Livros Cobogó, 2019.

LEDUC, Caroline. Le cri du singe dans sa cage. **Lacan Quotidien**, n. 858, 2019. Disponível em: <https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2019/12/LQ-858.pdf>

LIMA, Vinícius Moreira. O Gênero (de)Preciado: a Psicanálise e a Necrobiopolítica das Transidentidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1643-1662, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71767>

MALEVAL, Jean-Claude. Quand Preciado interpelle la psychanalyse. **Lacan Quotidien**, n. 856, dez. 2019. Disponível em: <https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2019/12/LQ-856.pdf>

MARTINS, Ana Carolina B. L.; POLI, Maria Cristina. A diferença e o contingente na formação dos psicanalistas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 901-919, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n3p901-919>

MARTINS, Ana Carolina B. L.; POLI, Maria Cristina. Transexualidade e Norma Sexual: A Psicanálise e os Estudos Queer. **Subjetividades**, Fortaleza, p. 55-67, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v18iEsp.6535>

MAURANO, Denise. Uma resposta a Paul B. Preciado. **Psicanálise & Barroco**, 2019. Disponível em: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/announcement/view/145>

MAURANO, Denise et al. Entre uns e outros, ficamos com todos. **Boletim online**, abr. 2020. Disponível em: http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=53&ordem=7

MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?** 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em: set. 2022.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni P. Maio de 1968: os silêncios da memória. ACHARD, P. et al. (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

PARENTE, Alessandra Martins; SILVEIRA, Léa. Paul B. Preciado e sua epistemologia mutante. **Revista Cult**, 10 jan. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/paul-b-preciado-psicanalise/>

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**. Estrutura ou Acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

POMBO, Mariana. Diferença sexual, psicanálise e contemporaneidade: novos dispositivos e apostas teóricas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 545-567, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n3p545.8>

PRECIADO, Paul. Paul Preciado na Jornada da Escola da Causa Freudiana [Mulheres em Psicanálise] - Legendado em PT/BR. **CLINICAND - PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE (Canal de Youtube)**, 11 dez. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/UEkaKjUG7fY>

PRECIADO, Paul. Um apartamento em Urano (Conferência). **Lacuna: uma revista de psicanálise**, 8, dez. 2019.

PRECIADO, Paul. **Je suis un monstre qui vous parle**: rapport pour une académie de psychanalystes. [S.l.]: Grasset, 2020.

PRECIADO, Paul B. Terror Anal: notas sobre os primeiros dias da revolução sexual. In: HOCQUENGHEM, G. **O desejo homossexual**. [S.l.]: A Bolha, 2020.

PRECIADO, Paul. Yo soy el monstruo que os habla - Paul B Preciado (subtitulado). **Jess G. (Canal do Youtube)**, 24 maio 2021. Disponível em: <https://youtu.be/sztXYnuIsrQ>

PRECIADO, Paul. Paul B Preciado - intervention ECF. **Insomnies (Canal do Youtube)**, 1 jun. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/bSBIxJH-8n0>

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que voz fala**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

QUINET, Antonio. O psicanalista Antonio Quinet comenta a fala de Paul Preciado na ECF. **Canal Videos Psi**, 14 dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AvgykxWiV4k>

REITTER, Jorge N. Una retórica enjaulada: Acerca de la respuesta de la Asociación Mundial de Psicoanálisis (AMP) a la intervención de Paul B. Preciado. **Heterocronías**, n. 3, 2021.

RIVERA, Tania. Subversões Da Lógica Fálica – Freud, Lacan, Preciado. **Psicanalistas pela Democracia**, 2019. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2019/12/subversoes-da-logica-falica-freud-lacan-preciado-por-tania-rivera/>

ROUDINESCO, Elisabeth. « Je suis un monstre qui vous parle » : la « psychanalyse mutante » de Paul B. Preciado. **Le Monde**, Paris, 12 jun. 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2020/06/12/je-suis-un-monstre-qui-vous-parle-la-psychanalyse-mutante-de-paul-b-preciado_6042598_3260.html

SILVA, Juliana Rego. Entre posições e semblantes: confusões e infamiliaridades. **Escola Brasileira de Psicanálise**, 27 jun. 2022. Disponível em: <https://ebp.org.br/sul/entre-posicoes-e-semblantes-confusoes-e-infamiliaridades/>

SPIVAK, Gayatri Ghakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STONA, José ; FERRARI, Andrea. Gênero: da formação a não escuta do analista. In: STONA, J. (org.). **Relações de Gênero e Escutas Clínicas**. Salvador: Editora Devires, 2020, p. 19-34.

VÁRIOS. Defendernos de Paul B. Preciado: esa causa no es la nuestra // Declaración colectiva. **Lobo Suelto**, 2019. Disponível em: <https://lobosuelto.com/esa-causa-no-es-lanuestra-paulpreciado/>

ZABALZA, Sergio. El psicoanálisis “binario”: Sobre la acusación que formula Paul Preciado. **Página 12**, 2019. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/237265-el-psicoanalisis-binario>

Recebido em: 19 de dezembro de 2023

Aceito em: 13 de setembro de 2024